## UNIVERSIDADE DE COIMBRA FACULDADE DE LETRAS

# FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

117

INSCRIÇÕES 501-503



FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

#### Instituto de Arqueologia

Secção de Arqueologia | Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra Palácio de Sub-Ripas

P-3000-395 COIMBRA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



### 501-502

# DUAS EPÍGRAFES ROMANAS DO SÍTIO FORTIFICADO DO CASTELINHO (CILHADES, FELGAR, TORRE DE MONCORVO)

No decurso da intervenção arqueológica¹ do sítio fortificado do Castelinho² (Cilhades, Torre de Moncorvo, Bragança), foram exumadas duas epígrafes romanas, marcando, em associação a outros elementos não menos importantes, a última etapa de ocupação desta importantíssima estação proto-histórica transmontana. Os trabalhos ali desenvolvidos foram enquadrados no denominado Estudo Etno-Arqueológico de Cilhades.³

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Iniciada em Março de 2011 e dada como concluída em Outubro de 2013.

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Santos (Filipe), Sastre (José), Figueiredo (Sofia), Rocha (Fábio), Pinheiro (Eulália) e Dias (Rodrigo), «El sitio fortificado del Castelinho (Felgar, Torre de Moncorvo, Portugal). Estudio preliminar de su diacronia y las plaquetas de piedra com grabados de la Edad del Hierro», *Complutum* 23 (1), 2012, p. 165-179; Santos (Filipe), Rocha (Fábio) e Pinheiro (Eulália), «O povoado fortificado do Castelinho (Felgar, Torre de Moncorvo, Portugal). Dados preliminares de uma intervenção arqueológica por um sítio da Idade do Ferro de Trás-os-Montes oriental», *in Actas de las Primeras Jornadas de Jóvenes Investigadores en el Valle del Duero*, Madrid, 2013, p. 119-128.

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> Estudo de âmbito geográfico que procura dar conta da longa diacronia humana a partir de um lugar muito particular do Vale do Sabor (Cilhades). Foi contemplado, tal como outros estudos de âmbito cronológico e cultural precisos, dentro do conjunto de medidas mitigadoras – defendidas no Plano de Salvaguarda do Património – sobre a vertente patrimonial decorrente da construção do Aproveitamento Hidroeléctrico do Baixo Sabor. A intervenção arqueológica

Sobranceiro ao Rio Sabor, o Castelinho foi alvo, na sua longa diacronia, de um conjunto de remodelações, as mais impactantes ligadas ao seu perímetro amuralhado. Ao seu sistema defensivo podemos ainda associar cinco distintas linhas de fosso. Através da sua leitura, vimo-lo evoluir de uma muralha simples, com cerca de 4 m de largura, para uma muralha extremamente complexa – igualmente macica – que atingiu, na parte mais exposta deste lugar<sup>4</sup> e sempre em reaproveitamento de estruturas associadas a momentos de ocupação anteriores, os 12 metros de largura. A muralha tardia tende, grosso modo, a alicerçar-se ou a justapor-se quer aos tramos da muralha primitiva quer a outras construções subsequentes, observando-se a relocalização dos acessos ao interior do recinto amuralhado pela abertura de novas portas. Os novos acessos firmaram-se nos ângulos sudoeste e sudeste deste lugar após a condenação das portas antigas. tendo as primeiras passagens, posteriormente obliteradas, sido deixadas abertas nas extremidades oeste e este dos tramos regulares da muralha primitiva.

Subentende-se, pelo exposto, que a configuração ovalada deste espaço nos momentos finais da sua ocupação, se terá mantido desde os seus primórdios. Os novos projectos edificativos, embora possam ter visto reduzidos os encargos e o tempo de execução pela incorporação de construções anteriores, nunca puderam deixar de respeitar a própria orografia do esporão onde se materializaram.<sup>5</sup> Importará referir, ainda, que o Castelinho foi construído e fortificado para guardar, achando-se no seu interior um conjunto assinalável de estruturas de armazenagem – celeiros –, não se tendo ali identificado correspondência com nenhuma estrutura que, inequivocamente, possa ser considerada

do Castelinho, desenvolvida no estudo aludido, foi promovida pela EDP (dono de obra) e desenvolvida pelo ACE Baixo Sabor (consórcio construtor, formado pelas empresas Oderbrecht/Bento Pedroso Construções, S. A. e Lena Construções). Expressamos os nossos sinceros agradecimentos às entidades referidas, assim como a José d'Encarnação, Armando Redentor, Sofia Soares de Figueiredo, Sérgio Pereira e Adriano Borges pela ajuda prestada a este trabalho.

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> Desenvolvendo-se ali de forma escalonada.

<sup>&</sup>lt;sup>5</sup> A sua complexa evolução diacrónica, que a breve trecho será alvo de um estudo mais aprofundado, ultrapassa largamente o âmbito deste trabalho, pelo que importará aqui sim dar conta das duas epígrafes romanas que, como já o referimos, são testemunhos importantíssimos da ocupação deste sítio logo na primeira etapa da conquista de Roma sobre esta parte do nosso território.

habitacional. Tratar-se-ia – pelo menos nas suas derradeiras etapas – de um celeiro fortificado, com os lares daqueles que ali guardavam, <sup>6</sup> no exterior do recinto amuralhado. A excepcionalidade do sítio é ainda ampliada pela colecção de lajes com gravuras sidéricas, <sup>7</sup> contando esta arte móvel com mais de 500 elementos. <sup>8</sup>

Nesta breve nota introdutória, não poderíamos deixar de fazer alusão a duas outras epígrafes achadas no lugar de Cilhades, a primeira, descoberta de forma fortuita em meados do século passado, dedicada a *Denso*; 9 a segunda, achada em trabalhos arqueológicos por nós desenvolvidos no âmbito do mesmo estudo específico no sítio do Laranjal, consagrada a Tutela. 10

As duas epígrafes que damos a conhecer foram exumadas no mesmo contexto, correspondendo este a um nível intencional de condenação<sup>11</sup> da porta sudoeste do Castelinho. Em associação a estes elementos encontra-se o maior fragmento de *tegula* recolhido neste local, bem como uma estrutura cistóide<sup>12</sup> implantada sobre o lado

<sup>&</sup>lt;sup>6</sup> Ainda que, infelizmente, e neste caso concreto, não tenham sido por nós identificados. Refira-se, não obstante, que deverá atender-se ao caso do sítio de Crestelos (Mogadouro) – alvo de escavação arqueológica no âmbito da mesma empreitada – cujo modelo de ocupação durante a Idade do Ferro e períodos subsequentes, é muito próximo à realidade de Cilhades e, em concreto, ao Castelinho. Ali, diversas cabanas da Segunda Idade do Ferro foram observadas, em plena zona de vale e numa área externa ao sítio fortificado de altura, sítio este que, tal como o Castelinho, albergava inúmeras estruturas de armazenagem.

<sup>&</sup>lt;sup>7</sup> Santos (Filipe), Rocha (Fábio), Pinheiro (Eulália) e Sastre (José), «O sítio e a Laje 1 do Castelinho (Cilhades, Felgar, Torre de Moncorvo). Contributos para o conhecimento da II Idade do Ferro em Trás-os-Montes Oriental», in II Mesa-Redonda Artes Rupestres da Pré-história e da Proto-história, Porto, 2011 (no prelo).

<sup>&</sup>lt;sup>8</sup> Os elementos epigráficos de que damos conta acabaram por ser também incluídos no inventário das peças de arte rupestre – móvel – do Castelinho, tendose-lhes atribuído os números 248 (estela) e 439 (abecedário).

<sup>&</sup>lt;sup>9</sup> Prósper (Blanca María) e Redentor (Armando), «Denso: uma divindade lusitana revisitada», *Conimbriga*, 46, 2007, p. 251-265.

PEREIRA (Sérgio), FEIO (Jorge), SANTOS (Filipe), ROCHA (Fábio) e PINHEIRO (Eulália), «Ara votiva a Tutela (Cilhades, Felgar, Torre de Moncorvo)», Ficheiro Epigráfico, 99, 2012, nº 446.

<sup>&</sup>lt;sup>11</sup> Unidade Estratigráfica 590.

Dada a semelhança com sepulturas em cista associadas a contextos de incineração romanos, não descuramos que possa estar conotada com um contexto funerário do género. Caso venha a confirmar-se, após as devidas análises, a

esquerdo do vão interno desta porta tardia.

Encontram-se inteiras, tendo sido gravadas sobre elementos retirados a maciços de xisto azul.<sup>13</sup>

## 501

A estela apresenta uma configuração tendencialmente rectangular, pouco espessa, evidenciando a superficie gravada um alisamento muito cuidado, ao contrário da face oposta, onde se observa apenas um mero desbaste da superficie, sem qualquer tratamento posterior. As partes laterais da peça encontram-se afeiçoadas, sobressaindo o topo, nitidamente arredondado, bem como a base, chanfrada.<sup>14</sup>

Na face gravada da estela são visíveis pequenas covinhas, em número de seis, relacionando-se estas, muito provavelmente, com zonas de impacto – martelagem –, associadas à preparação e acabamento final da peça.

Dimensões: 74 x 17 x 3 cm.

IVLII / RATI [?]

Altura das letras: I = 4,4; V = 4,5; L = 4,5; I = 2,5; I = 3,1; R = 5,1; A = 4.4; T = 4.3; I = 4.2. Espaço 2: 2.2/1.6.

O texto, sem recurso a linhas auxiliares, encontra-se centrado e bem alinhado, distando do topo da peça em 13,7 cm, 49,5 a partir da base e, em média, entre os 2 e os 4 cm das extremidades laterais da peça.

A gravação, e embora a face onde esta foi realizada se encontre extremamente alisada, 15 nalguns casos foi já levada a cabo sobre destacamentos da superficie. Por outro lado, alguns caracteres

presença de restos humanos calcinados associados aos níveis de destruição desta estrutura, a interpretação dada à própria estela, aqui defendida como marco de propriedade, deverá ser alvo de revisão.

O xisto é a matéria-prima dominante dentro da litologia local. O xisto azul acha-se a pouca profundidade, apresentando a rocha superficial uma tonalidade mais acastanhada.

<sup>&</sup>lt;sup>14</sup> Esta linha de corte oblíqua deverá relacionar-se, certamente, com a intencionalidade de colocar este elemento em posição vertical.

<sup>&</sup>lt;sup>15</sup> Sensação de veludo, ao toque.

encontram-se parcialmente apagados por episódios posteriores desta natureza, sendo evidente essa realidade nas letras 5 (T) e 8 (I).

Os caracteres são actuários, devendo destacar-se a correcção levada a cabo pelo gravador à terminação do R. A letra A apresenta-se como um V invertido. A profundidade dos sulcos de gravação, conseguidos mediante a utilização de um objecto de ponta romba — metal, lítico (?) — é ligeiramente variável, na ordem dos 0,3 cm. Do ponto de vista formal, e meramente a título de exemplo, a altura dos caracteres encontra afinidades com a inscrição patente na referida ara dedicada a Tutela.

*Iulii* é, seguramente, um genitivo de propriedade: «de Júlio». Trata-se de um gentilício romano assaz comum, que poderá ter sido usado aqui quer nessa função (a indicar família) quer como nome único.

À primeira vista, a palavra seguinte não teria, paralelos evidentes para a sua etimologia, pois não se documenta facilmente um étimo rat-; contudo, neste contexto, não se nos afigura despropositada eventual aproximação ao vocábulo ratio, a que pode atribuir-se uma conotação de «quinhão», «parcela», «lote». 16 A 'estela' seria, pois, um marco, a assinalar limite de propriedade. Recorde-se que uma das procuradorias equestres se designava *a rationibus*, sendo, no início, o seu titular uma espécie de «ministro das finanças» imperiais; ora, ratio era entendido precisamente no sentido de posses, haveres, passíveis de se relacionar também com propriedades fundiárias. Aliás, no Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines, de Daremberg e Saglio, s. v. «ratio» (p. 812), explicita-se que essa é precisamente a designação que se dava ao «conjunto de minas, de pedreiras imperiais, dependentes quer do fisco quer do património ou res privata», acrescentando-se que é também esse o nome que tinha o «lote cedido para exploração quer a escravos imperiais quer a empresários», no caso de exploração de mármores ou de minas, por exemplo.

Sendo Torre de Moncorvo uma zona mineira, <sup>17</sup> a possibilidade de ser esta a interpretação do letreiro parecia-nos deveras verosímil. No entanto, tal hipótese não encontra, que saibamos, paralelos. <sup>18</sup> Por outro

Seríamos até tentados a 'descobrir' um rasto desse O no bordo da linha...

<sup>&</sup>lt;sup>17</sup> Temos vestígios de explorações romanas de jazidas de ferro em Cabeço da Mua (Felgar): Alarcão (Jorge de), *Roman Portugal*, Warminster, 1988, II-1, p. 46 (2/124).

<sup>&</sup>lt;sup>18</sup> O Prof. Juan Aurelio Perez Macias, de Huelva, a quem consultámos a este

lado, não se evidenciaram nas prospecções levadas a cabo em torno de Cilhades, já realizadas por nós no âmbito da construção da barragem do Baixo Sabor, pontos claros de exploração mineira antiga, 19 sendo que, e à falta, ainda, de trabalhos sérios sobre a área, 20 continuam a ser referenciados na zona aludida os sítios de Cabeço da Mua, a Ferraria do Carvalhal e a Carvalhosa. O facto de a prática da pequena metalurgia por alguns destes lugares com origem na Idade do Ferro, como é o caso do próprio Castelinho, se encontrar provada, não pode atestar a ligação deste, mesmo para o período romano, como um importante centro de exploração mineira. Sabemos, porém, que não estava isolado de uma rede de trocas comerciais, desde cedo e a uma escala suprarregional, talvez importando nesse circuito minério, mesmo localmente, nalguns casos, em troca de outros produtos – agrícolas (?) – produzidos no vale do Sabor.

Desta sorte, a possível alusão a ratio, ao invés de estar associada a exploração mineira, poderá conotar-se mais com a própria exploração de parcelas agrícolas, porque, de facto, uma das características do Castelinho – e que, quase de certeza, corresponderá a uma fase de ocupação romana – é a existência de estruturas de armazenagem (celeiros) em número tão elevado que nos levou a considerar este sítio. pelo menos na última fase, como um grande celeiro fortificado.

Aqui fica, pois, a informação acerca de uma ocorrência, porventura ímpar, até ao momento, na epigrafia peninsular, que poderá suscitar a descoberta de documentos semelhantes

propósito, respondeu-nos (bem haja, Amigo!): «(...) Desde el punto de vista epigráfico las concesiones siempre se recogen como puteus/i (poços) y no como ratio/nes. Eso no quiere decir que en ocasiones se denominen las concesiones como rationes. Al menos aquí en Huelva están apareciendo epígrafes sobre maderas en las que los conductores señalan su concesión solo con su nombre en genitivo.»

A excepção poderá ser o sítio de Rebentão (Castelo de Gouveia/Gouveia), a cerca de 1500 m – em linha recta – a NO do Castelinho, em pleno planalto. Este, por sua vez, queda perto de um outro também sobranceiro ao Castelinho. igualmente fortificado, mas do qual também pouco ou nada se sabe. Trata-se, este último, do Castelo de Picões, já na freguesia da Ferradosa (Alfândega da Fé), distando do Rebentão, também no planalto, em cerca de 500 m para sudeste. <sup>20</sup> Alarcão (Jorge de), O Domínio Romano em Portugal, Mem Martins, 1988, p. 133.





Também associado aos mesmos elementos usados na condenação da porta sudoeste do Castelinho, figurando igualmente nesse mesmo contexto um número bastante expressivo de elementos de arte rupestre móvel da Idade do Ferro, trata-se de um pequeno bloco de xisto, de configuração subrectangular e com duas das extremidades, a de base e a extremidade lateral direita, de recorte anguloso.

Tal como na 'estela', parece ter existido uma preocupação na preparação da superfície onde se inscreveu o conjunto de caracteres, tendendo estes a reproduzir-se, em sequência, por quatro linhas distintas. A reprodução sequencial das letras A, B, C e D é apenas evidente nas duas primeiras linhas, existindo o esboço de outros caracteres, aliados a traços que, por vezes, se cruzam sem conexão aparente (A's?), quer nas duas primeiras linhas, ganhando aqui as letras A e C uma grande expressividade, quer noutros pontos da superfície gravada.

A par dos caracteres perfeitamente visíveis repetemse em sequência uma série de traços verticais. Colocamos a possibilidade de algumas das letras terem sido gravadas a partir destes traços pré-existentes.

As letras em sequência fazem-nos equacionar a possibilidade de estarmos perante uma pequena tabuinha de aprendizagem, correspondendo as letras que nela se reproduzem a vários caracteres do abecedário latino, mais 'visíveis' ou identificáveis na l. 2 que na l. 1.<sup>21</sup>

Ocorre-nos, de imediato, a comparação com o designado «signário de Espanca», encontrado precisamente em Espanca (concelho de Castro Verde), onde, em escrita paleo-hispânica, estão também gravadas duas linhas, sendo a primeira cópia da segunda, o que configura um «exercício de escrita».<sup>22</sup>

<sup>&</sup>lt;sup>21</sup> Parece-nos, de facto, que, na 1. 2, se conseguiu uma sequência até ao N, quiçá com repetição do I.

<sup>&</sup>lt;sup>22</sup> CORRÊA (José Antonio), «El signario de Espanca (Castro Verde) y la escritura tartesia», in Untermann (Jürgen) y VILLAR (Francisco) [eds.], *Lengua y Cultura en la Hispania Prerromana*, Ediciones Universidad, Salamanca, 1993, pp. 521-562, cit. p. 521.

Desnecessário será, pois, salientar o elevado valor históricocultural desta epígrafe de Torre de Moncorvo, porque, prendendose com um horizonte cronológico de aculturação, demonstra que, no quotidiano, havia uma aprendizagem da escrita. Tal era de suspeitar, evidentemente; aqui está, porém, uma prova que se nos afigura insofismável.

Dimensões: 13 x 18 x 4,9.

ABCcDIIIGHIL[?]GIM ABCDE[?]F[?]GHIJMNO[?]P[?]

Altura das letras: $^{23}$  A = 1,6; B = 1,2; C = 1,1; D = 1,3. Espaços: 1: 0,8; 2: 0,6/0,8; 3: 0,7.

A composição apresenta-se alinhada à esquerda, com as quatro linhas gravadas a desenvolverem-se, de forma harmoniosa, sobre o eixo maior da pequena folha de xisto. Não se evidencia qualquer linha auxiliar de gravação. No que diz respeito à distância entre a gravação dos caracteres em relação aos limites físicos do suporte, temos, a partir do topo, 0,8/0,9 cm; a base varia entre os 0,4 e 1,2 cm; sobre o limite esquerdo, varia entre os 0,2 cm e os 1,7 cm; da extremidade direita, varia entre os 0,9 e os 5,1 cm. Colocamos a possibilidade de os caracteres terem sido gravados por fina ponta metálica, fazendo os mesmos lembrar os tracinhos filiformes do mundo da arte rupestre.

O pequeno bloco encontra-se em muito bom estado de conservação, embora, como já o referimos, a superfície posterior não apresente cuidados de maior, a não ser um desbaste sumário, ao contrário do cuidado colocado na superfície gravada, alisada. No pequeno bloco de xisto azul, com manchas castanhas provavelmente associadas a óxidos de ferro, são visíveis ainda duas truncaturas no lado gravado, uma no canto superior esquerdo, a outra, no mesmo lado, junto ao canto inferior direito.

 $<sup>^{23}\,</sup>$  Como referência resolvemos incluir os quatro primeiros caracteres inscritos na segunda linha.

## Comentário final

A ocupação romana do lugar de Cilhades, nalguns casos praticamente invisível, ganha contornos maiores e mais precisos pelo achado, também, de alguns monumentos epigráficos. Estes aiudam, por si só, a entender com maior rigor quer a própria diacronia da ocupação humana daquele lugar, como reflectem e testemunham os cortes, mas também as continuidades, operadas na longa tradição. Se o sítio fortificado do Castelinho constituiu um ponto-chave no modelo de ocupação do território durante toda a II Idade do Ferro – lugar aglutinador e centro importante de poder local e certamente regional –, ter-se-á mantido, como tal, pelo período de conquista romana. Julgamos que a 'estela' também poderá interpretar-se como um símbolo da manutenção de um mesmo espaço de tradição antiga, indígena, mas por intermédio de novo(s) proprietário(s), traduzindo, à sua escala, a apropriação e as transformações operadas por Roma, logo nos inícios do século I d. C., em relação aos novos territórios conquistados.

O saber como forma de poder. Talvez assim se entenda a pequena laje onde se gravou o abecedário, muito provavelmente através de gestos infantis.

Atendendo ao posicionamento estratigráfico e ao próprio conhecimento que detemos sobre a evolução diacrónica do Castelinho, julgamos estar perante peças epigráficas que podem enquadrar-se na primeira metade do século I d. C.<sup>24</sup>

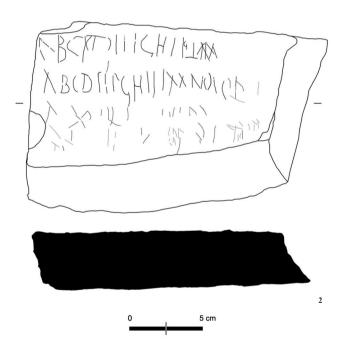
FILIPE J. C. SANTOS

FÁBIO ROCHA

EULÁLIA PINHEIRO

Aguarda-se o resultado das datações de C14 a fim de podermos aprimorar algumas das cronologias apontadas.





502

Ficheiro Epigráfico, 117 [2014]





502

## GRAFITO EM IMBREX, DE FREIRIA

(Conventus Scallabitanus)

Pequeno fragmento irregular de um *imbrex* de cerâmica de cor alaranjada, recolhido, a 31 de Julho de 2002, na parte meridional da sanja norte/sul, aberta junto ao peristilo da *domus* da *villa* romana de Freiria (S. Domingos de Rana, Cascais).

Dimensões:  $(7) \times (5) \times (1,5)$ .

IX

Altura das letras: I = 3.5; X = 4.3.

O pequeníssimo traço oblíquo inferior poderia levar a ler-se LX; considerámo-lo, porém, demasiado exíguo para L. Os caracteres foram gravados com estilete, à mão levantada, na massa ainda mole, antes de ir ao forno; mais fundos o sulco do I e o da direita do X, a denotar o movimento da mão.

Trata-se da marca de uma contagem. Atendendo, porém, a ser um número pequeno (nove), poderá significar ou o número da fornada ou identificar, verosimilmente, o destinatário de determinado lote.

Esta nota tem, de modo especial, a intenção de, mais uma vez, se chamar a atenção para os grafitos patentes na cerâmica comum. No caso vertente, é quase nulo o seu valor documental; contudo, outros haverá em que a informação será mais relevante.

GUILHERME CARDOSO José d'Encarnação



503